

## VIVÊNCIAS DAS MÃES SOLO NA PANDEMIA DE COVID-19

JULIANA LAZZARETTI SEGAT<sup>1</sup>; KARINA RANGEL GAUTÉRIO<sup>2</sup>; RITIELE MACHADO PRESTES<sup>3</sup>; CAMILA PEIXOTO FARIAS<sup>4</sup>; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [julianalsegat@gmail.com](mailto:julianalsegat@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [karinagauterio@gmail.com](mailto:karinagauterio@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas - [Ritiele22prestes@gmail.com](mailto:Ritiele22prestes@gmail.com)

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – [pfcamila@hotmail.com](mailto:pfcamila@hotmail.com)

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – [giovana.luczinsk@gmail.com](mailto:giovana.luczinsk@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está inserido no projeto de pesquisa “Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres”, desenvolvido no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), pelo Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise Pulsional e pelo Laboratório de Fenomenologia e Psicologia Existencial *Epoché*, em parceria com o Laboratório de Psicanálise e estudos sobre o Contemporâneo Marginália (UFRJ). A pesquisa teve início em 2020 e originou-se de questionamentos sobre as vivências e reverberações emocionais na vida das mulheres durante a pandemia de COVID-19.

Os resultados correspondem ao período inicial da pandemia, ainda nos primeiros meses, quando havia poucos estudos científicos acerca do vírus, sem qualquer vislumbre da possibilidade de vacina e com a falta de um planejamento público de saúde eficaz. Para SÁ, MIRANDA e MAGALHÃES (2020), os primeiros meses pandêmicos revelaram não só um colapso em termos sanitários, mas também uma crise social, política e econômica, principalmente, quando nos referimos às pessoas que se encontravam em situações de vulnerabilidade. Dessa forma, já nos primeiros meses, a realidade das mulheres brasileiras se mostrava preocupante. Além disso, houve uma intensificação das jornadas duplas e triplas ligadas ao trabalho doméstico e de cuidado (SANTOS, NORONHA, 2022) e o agravamento da violência doméstica contra as mulheres. Outro ponto fundamental era pensar nas mulheres mães nesse cenário, que com o fechamento das escolas e creches em função do isolamento social e a instauração do *home office*, se viram desamparadas e sobrecarregadas emocional e economicamente.

Nesta pesquisa, pensamos a maternidade não como um destino biológico, mas como uma construção social diretamente ligada às imposições de gênero. ZANELLO (2016) propõe o conceito de dispositivo materno, que se caracteriza por uma naturalização da capacidade de cuidar, decorrente da junção artificial dos trabalhos de procriar e maternar (ZANELLO, 2018). A partir da eleição de uma diferença física (capacidade de procriar), criam-se e justificam-se papéis, locais sociais e tratamentos desiguais, sobretudo no tocante à atribuição das tarefas de cuidado (de pessoas e do lar) e à sua invisibilização/desvalorização (ZANELLO, 2018). Ignora-se, assim, por meio de uma “capa afetiva” (de amor e zelo maternos), o fato de que isso é trabalho que exige esforço, energia física e psíquica (ZANELLO, 2018). A autora fala que o dispositivo materno atinge a todas as mulheres, com ou sem filhos, fazendo-as abandonar a si mesmas em função de uma disponibilidade de cuidado para com os outros (ZANELLO, 2018). Porém, é fundamental que não tomemos a maternidade e o dispositivo materno operando de forma única a todas. Há diferenças profundas na forma como é exigida e

vivenciada a maternidade entre mulheres brancas e mulheres negras. Resultado de um processo histórico escravocrata, às mulheres negras, especialmente, recaem consequências profundas de um cuidado, muitas vezes, sem reciprocidade, sendo que trabalham no cuidado dos outros, que pagam por seus serviços, sem poderem cuidar de suas próprias famílias (ZANELLO, 2018).

Dentro do recorte da maternidade, destacamos, para este trabalho, a situação das mães solo. Estas são consideradas como as únicas responsáveis pela criação e educação de uma criança - financeira e afetivamente (SANTOS, NORONHA, 2022). Na pandemia, a vulnerabilidade a que essas mulheres já estavam expostas foi acentuada pelo acúmulo de responsabilidades. Frente a essas questões, o presente trabalho propõe-se a desvelar e visibilizar as narrativas do recorte da pesquisa intitulado *Mães solas, responsáveis pelo cuidado e o sustento dos filhos*.

## 2. METODOLOGIA

Do ponto de vista epistemológico, demarcamos, desde logo, nossa metodologia e escrita como situadas, ou seja, desenvolvidas a partir de uma perspectiva comprometida e atenta aos fatores de caráter político, histórico, social e cultural que se apresentam de maneira indissociável no processo de produção de conhecimento (HARAWAY, 2009). Adotamos uma postura metodológica que nos ampara e proporciona fissuras no processo de pesquisar, rompendo com as pesquisas hegemônicas calcadas nos ideais de imparcialidade e neutralidade, sem espaço para os afetos evocados em quem pesquisa. Uma vez que a pesquisa é direcionada às mulheres, entendemos a importância e potência de uma pesquisa feita de dentro, de mulheres para mulheres. Por isso, também, o referencial teórico está conectado a uma perspectiva de gênero e feminista críticas, sendo a base para a escolha dos recortes e as análises realizadas.

A pesquisa foi elaborada a partir de um questionário *online*, divulgado nas redes sociais, entre o período de 24 de maio de 2020 e 07 de junho de 2020. O questionário tinha como objetivo acessar a realidade das mulheres brasileiras no cenário pandêmico e as possíveis reverberações psíquicas desse contexto em suas vivências diárias. O estudo foi submetido e autorizado pelo Comitê de Ética da UFPEL (CAAE: 31203220.3.0000.5317). O questionário trazia perguntas fechadas/objetivas (como gênero, raça, sexualidade, local de residência, renda, se tinha/cuidava de filhos e familiares, etc.), e, também, perguntas abertas de cunho mais afetivo, que criavam um espaço livre para que as participantes pudessem contar suas experiências durante o desenrolar da pandemia. O objetivo era o de fornecer um espaço de partilha mais detalhada de sentimentos e reflexões, a fim de fomentar o diálogo sobre si e sobre suas próprias vivências.

Quase seis mil mulheres participaram da pesquisa. Dentre elas, 91 fazem parte da análise do recorte ora proposto, por terem respondido positivamente à pergunta “Você é a única responsável pelo cuidado do(s) seu(s) filho(s)?”. No presente trabalho escolhemos uma pergunta principal para orientar nossa discussão: Quais estão sendo suas maiores dificuldades e seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pandemia colocou em evidência e acentuou a vulnerabilidade à qual mães solo estão submetidas. De acordo com o IBGE, as mulheres, em geral, dedicam

quase o dobro de horas às tarefas domésticas e de cuidados, em comparação aos homens (IBGE, 2020). A falta de apoio e/ou o desamparo não significam, entretanto, que essas mulheres vivam sozinhas ou estejam fora de um relacionamento. É possível dimensionar que uma mulher conviva com companheiro/a ou outro familiar e exerça essa função solitariamente, ainda que conte com a presença física de outros (SANTOS, NORONHA, 2022). Essa desigualdade aumenta ainda mais no caso das mães que não têm com quem compartilhar a responsabilidade pelo cuidado dos filhos. Conforme destacam SANTOS e NORONHA (2022), ser mãe solo na pandemia significou lidar com um acúmulo de exigências e responsabilidades com tarefas de cuidado, somadas às pressões que são impostas a todas as mulheres. Os relatos dessas vivências chegam até nós a partir da questão disparadora: Quais estão sendo suas maiores dificuldades e seus maiores desafios frente à pandemia de COVID-19?

“Conciliar as demandas da minha casa e da minha filha com as da minha mãe. Administrar meus recursos para poder cumprir os compromissos financeiros - aluguel, contas.” Participante 4073

“Manter meus pais idosos em casa, e convencê-los que precisam cuidar-se.” Participante 5127

“Conseguir seguir o cronograma que criei, procrastino muito e não estou rendendo. Fico muito tempo nas questões de casa e filho e ando deixando muito de lado o lado profissional.” Participante 5485

“Lidar com a minha filha 24 horas por dia, acompanhando atividades escolares, cuidar da casa e cozinhar o tempo todo.” Participante 307

“Dificuldade de cuidar sozinha do filho de 5 anos sem nenhum momento de individualidade. Não poder dar aulas. Não poder ver amigos.” Participante 359

As narrativas acima, exemplificativas da situação de mães, sobretudo solo, na pandemia, evidenciam diversas dimensões do cuidado: com a casa, com os/as filhos/as, com demais familiares, com o sustento. Todas essas demandas, por sua vez, sobrepõem-se ao cuidado de si - porque se exige o exercício daqueles cuidados, não há tempo ou condição para o autocuidado. O discurso biologizante que constitui a maternidade como natural, e o cuidado, a solicitude e a empatia como inerentemente femininos, faz com que esses atributos, construídos a partir de condições materiais de vida - e não da biologia -, sejam desvalorizados (DOLRIN, 2021). Essa feminilização do cuidado, cerne do dispositivo materno e da sua invisibilização/desvalorização, acaba por esconder que o cuidado é trabalho que exige esforço, energia física e psíquica (ZANELLO, 2018). Por certo, aqui, é necessário um olhar interseccional: são mulheres negras e de classes populares que, majoritariamente, exercem um trabalho reprodutivo, ao mesmo tempo em que cuidam da casa, dos filhos e de outros familiares de mulheres de classes média e alta, em especial brancas. Por meio dessa dinâmica, essas últimas têm mais tempo para se dedicar a outros interesses - como carreira profissional -, perpetuando-se, desse modo, um contexto de maior desigualdade às primeiras. Assim, há uma “divisão sexual do trabalho doméstico” (DOLRIN, 2021, p. 26) e de cuidado entre as próprias mulheres, e isso também precisa fazer parte das reflexões críticas a que nos propomos aqui.

Além disso, ZANELLO (2016) fala sobre como o ideal de “mãe perfeita” é reforçado através da imagem de uma mulher que deve abrir mão de suas próprias

necessidades e desejos para atender as necessidades de outros. Ainda, a autora nos fala sobre uma colonização dos afetos (ZANELLO, 2018), por meio do qual mulheres são subjetivadas para se sentirem realizadas performando o cuidado do outro e, concomitantemente, culpadas por não conseguirem fazer o “suficiente”. Vemos isso nas narrativas: o sentimento de deixar a profissão de lado para cuidar; o sentimento de não conseguir ter uma individualidade por cuidar; a sensação de não conseguir administrar responsabilidades etc. O resultado disso é a produção de sofrimento na vida dessas mulheres que têm suas subjetividades e potencialidades apagadas pela lógica da naturalização do cuidado.

#### 4. CONCLUSÕES

A partir dos relatos compartilhados acima, podemos refletir sobre como as questões relacionadas ao trabalho remoto/desemprego, ao fechamento das creches/escolas, ao distanciamento ou falta da rede de apoio, entre diversos outros fatores, contribuíram para um agravamento do esgotamento físico e psicológico das mulheres mães solo na pandemia. Mais do que isso, podemos pensar sobre o quão desvalorizado e invisibilizado é o trabalho do cuidar para mães solo, em particular, considerando que não têm com quem compartilhar os desgastes físicos, emocionais e financeiros dele decorrentes; o quanto essa sobrecarga tem efeitos violentos e adoecedores em suas vidas. Em um contexto de estresse, incerteza, medo e privações como o início da pandemia de Covid-19, que naturalmente nos exige maior energia física e emocional, esses relatos nos revelam sobre o quão sobrecarregadas mães solo estavam nesse período.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOLRIN, Elsa. **Sexo, gênero e sexualidades**: introdução à teoria feminista. Tradução de Jamile Pinheiro Dias e Raquel Machado. São Paulo: Ubu Editora, 2021.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.
- IBGE. **Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas**. Agência de Notícias IBGE, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>. Acesso em: 14 jun. 2023.
- SÁ, Marilene; MIRANDA, Lilian; MAGALHÃES, Fernanda Canavez. Pandemia COVID-19: Catástrofe sanitária e psicossocial. **Caderno de Administração**, v. 28, p. 27-36, 2020.
- SANTOS, Nadia; NORONHA, Raquel. **Enciclopédia discursiva da covid-19: Mãe solo**. Projeto InformaSUS-UFSCar, 2022. Disponível em: <https://informasus.ufscar.br/mae-solo/>. Acesso em 13 jul. 2023
- ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia. In: ZANELLO, Valeska; PORTO. **Aborto e (não) desejo de maternidade(s)**: questões para a psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. p.103-122.
- ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivo**: cultura e processos de subjetivação. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.